

III Guerra Mundial como Estratégia Imperialista

By [Edu Montesanti](#)

Global Research, April 10, 2017

Prenunciam-se novas tragédias no Oriente Médio, mais golpes na América Latina e escalada da tensão nas relações EUA-Rússia. Antigo plano de Washington é invadir sete países: Iraque, Síria, Somália, Líbia, Sudão, Irã e Iêmen. Nada muda com Trump, como sempre esteve claro que ocorreria. Nada mudou com os maiores lobistas da política norte-americana: os sionistas que felicitam Tio Sam agora, por mais um crime de guerra contra a Síria. A III Guerra Mundial está na agenda do dia, e não eclodirá por mero acidente

Donald Trump não se importa com o fato de que a comunidade internacional tenha condenado os ataques norte-americanos com 59 mísseis à base aérea síria da cidade de Homs que, na última sexta-feira (7), deixaram como saldo nove mortos, incluindo quatro crianças: a ofensiva foi unilateral, isto é, não recebeu prévia autorização da ONU nem do Congresso dos Estados Unidos. O presidente norte-americano tampouco dá a mínima importância ao fato de que não haja nenhuma prova de que os ataques com armas químicas no último dia 4, ali mesmo, tenham partido do governo sírio conforme acusação irredutível da Casa Branca.

Pois a administração de Trump vai além do ataque inconstitucional e contra as leis internacionais: um dia depois dos ataques, anunciou embargo econômico à Síria. Eis que o filme iraquiano de invenção de armazenamento de armas químicas e de unilateral embargo repete-se, tragicamente. Repete-se tragicamente na Síria hoje, com o ataque de dezenas de mísseis à base aérea na cidade de Homs, as mesmas manipulações envolvendo o “combate ao terror” no Afeganistão, na Líbia e, especialmente, no Iraque quando, em 2003, os Estados Unidos contrariaram a ONU e todas as evidências (até afirmações de Saddam Hussein quem, em determinados momentos, colaborou com inspetores da ONU) e invadiram o país sob pretexto de que o governo local armazenava armas químicas e biológicas. O Império mais terrorista da história, irremediável e sem limites.

Assim como George Bush, que se denominava “o presidente da guerra”, Trump aumentou em 54 bilhões de dólares os gastos militares para este ano fiscal, que alcançará 658 bilhões de dólares no final de 2017, enquanto corta drástica e raivosamente investimentos sociais como nas áreas de saúde, educação e assistência social.

Pouco depois do anúncio do aumento em defesa, em 4 de abril o novo inquilino da Casa Branca cortou o financiamento dos Estados Unidos junto ao Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, na sigla em inglês), em favor da redução das desigualdades sociais em todo o mundo, especialmente dos setores mais vulneráveis como mulheres e crianças.

Palhaço Assassino na Casa Branca

Procurada em uma conversa particular com este autor logo que Trump vencera as eleições presidenciais em novembro do ano passado, a líder da Associação Revolucionária das Mulheres do Afeganistão (RAWA, na sigla em inglês) que se identifica apenas como Friba para sua segurança, já que a RAWA atua na clandestinidade, demonstrava desconfiança total em relação ao presidente eleito nos EUA pois, segundo a ativista afegã pelos direitos humanos, “o presidente dos Estados Unidos tem pouco ou nenhum efeito sobre a política

externa do país, especialmente nos países que ocupa hoje. A administração Obama não era diferente de George Bush, e Trump não será diferente de ambos os presidentes”.

Fribo, quem garante que a Operação Liberdade Duradoura dos Estados Unidos no Afeganistão “causa um 11 de Setembro todos os dias” em seu país, ressaltou diversas vezes na conversa particular que Trump seria, assim como todos os inquilinos da Casa Branca, mero instrumento de um sistema imperialista. “Nenhum presidente dos Estados Unidos tem autoridade real, mas todas as políticas são estabelecidas pelas grandes corporações, pela CIA, pelo Pentágono e pelos chefes do Exército. O presidente é apenas um boneco em suas mãos. Não é uma questão de escolha de Trump nem de qualquer outro presidente dos Estados Unidos suspender a guerra”.

À época Fribo não apenas previa que Trump aumentaria a intensidade da guerra em seu país, como também na própria Síria, no Iraque e na Líbia. “O Afeganistão não verá nenhuma mudança positiva, e os sírios, iraquianos e líbios sofrerão ainda mais”. Pois não tardou sequer uma semana para que a voz afegã, conhecedora como poucas das “intervenções humanitárias” dos Estados Unidos, se mostrasse, desgraçadamente, certa.

Desde que chegou à Casa Branca, aquele que se apresentava, entre profundas contradições nos ditos e feitos, como futuro dialogador internacional, em três meses de governo já apresenta média de ataques por drones e contra civis no Oriente Médio que supera as de George W. Bush e Barack Obama.

Logo em seu primeiro final de semana, Trump mostrou a que veio através de dois ataques com drones no Iêmen, que matou dez pessoas: um atingiu três pessoas em uma moto, e o outro atingiu sete pessoas que se moviam dentro de um carro. Uma semana depois da posse, Trump lamentou a morte de um Seal da Marinha dos Estados Unidos em um ataque ordenado pessoalmente por ele no sul do Iêmen. Trump não mencionou as 30 pessoas, incluindo ao menos dez mulheres e crianças, mortas pelos bombardeiros de seu Exército. O ataque causou graves danos a um centro de saúde, a uma escola e a uma mesquita.

Uma semana após a posse, Trump lamentou a morte de um Seal da Marinha dos Estados Unidos em uma invasão ordenada por ele no sul do Iêmen. Trump não mencionou as 30 pessoas, incluindo pelo menos 10 mulheres e crianças mortas pelos bombardeiros dos EUA. O ataque causou estragos graves em um centro de saúde, em uma escola e em uma mesquita.

“Quase mil mortes de não combatentes já foram registradas devido a ações da coalizão em todo o Iraque e na Síria em março – um registro recorde”, de acordo com a Airwars, organização não-governamental que monitora vítimas civis de ataques aéreos no Oriente Médio.

Apenas na segunda quinzena de março contabilizaram-se nada menos que 300 mortes de civis no Oriente Médio, vítimas dos bombardeios norte-americanos. Na Síria foram 100: ao menos 47 pessoas morreram em uma mesquita em Aleppo; 20 mortes vítimas de bombardeios sobre casas, uma escola e um hospital em Tabqah; e pelo menos 33 mortos em uma escola que abrigava 50 famílias deslocadas pelos combates, perto de Raqqa. Em Mosul, foram 200 “baixas civis” (eufemismo para assassinato), vítimas do “efeito colateral” (crime de guerra) das “bombas inteligentes” (enriquecedoras da indústria bélica em nome dos interesses econômicos e estratégicos) dos Estados Unidos.

Segundo [relatório](#) da Anistia Internacional, as forças da coalizão têm se utilizado de fósforo branco em Mosul, arma química que rasga o corpo do indivíduo vivo, e queima até os ossos.

A revista norte-americana [relatou](#) recentemente que o próprio Comando Central dos EUA confirmou o uso de urânio empobrecido contra o Estado Islâmico no Iraque, “indiscutivelmente crime de guerra” [segundo](#) a renomada jurista estadunidense, Marjorie Cohn.

Abu Ayman, residente em Mosul, [disse](#) à Reuters que viu várias casas demolidas e os corpos de seus moradores cortados, espalhados. “Corri para a casa do meu vizinho e, com outros cidadãos, conseguimos resgatar três pessoas, mas pelo menos outras 27 na mesma casa foram mortas incluindo mulheres e crianças de parentes que haviam fugido de outros distritos”, disse ele. “Nós tiramos alguns do meio dos escombros usando martelos e pás para remover detritos. Não podíamos fazer nada para ajudar os outros, pois estavam completamente enterrados sob o telhado desmoronado”. Um outro morador de Mosul disse: “Agora, parece que a coalizão está matando mais pessoas do que o Estado Islâmico”.

‘Combate ao Terror’: Diálogo de Surdos

Friha foi procurada novamente após os ataques dos EUA à base aérea síria no último dia 7. “Sem guerra, a superpotência não pode durar muito tempo nem superar a crise financeira doméstica. É a guerra que gira as rodas do seu sistema econômico”, afirmou indignada a líder da RAWA. “Quem se senta na Casa Branca serve o 1% dos poderes corporativos, o que significa espalhar a guerra por todo o mundo para pilhar petróleo e matérias-primas de nações pobres, mantendo a hegemonia dos Estados Unidos e derrotando seus rivais”.

Marjorie Cohn também foi contactada por esta reportagem, a fim de comentar se violam ou não a Constituição dos Estados Unidos os últimos ataques com mísseis por parte dos “policiais do mundo”, como disse igualmente indignado o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, no mesmo dia dos bombardeios à Síria. A Constituição norte-americana proíbe as guerras preventivas, ou seja, sem que os Estados Unidos tenham sido anteriormente atacados por algum Estado. Segundo Marjorie, a Constituição prevê o uso da força militar apenas no caso de “emergência nacional criada por ataque aos Estados Unidos, aos seus territórios ou a suas posses, ou a suas Forças Armadas”, o que ela aponta que não ocorreu neste caso.

Porém, a jurista afirma que existe, legalmente, a possibilidade de que os Estados Unidos ataquem outro Estado sem ter sido previamente atingido através da Resolução de Poderes de Guerra (War Powers Resolution), que pode ser aplicada apenas nas seguintes situações: “Primeiro, após o Congresso ter declarado guerra, o que não aconteceu neste caso. Segundo, quando há ‘autorização estatutária específica’ através de uma Autorização para o Uso da Força Militar (Authorization for the Use of Military Force, AUMF) o que, novamente, não ocorreu”. Pois o presidente Trump justificou os ataques com mísseis à Síria, exatamente, sobre a AUMF.

Outra renomada jurista ouvida por esta reportagem, Azadeh Shahshahani, ativista pelos direitos humanos e diretora do Projeto de Segurança Nacional pelos Direitos dos Imigrantes da União Americana de Liberdades Civis (ACLU, na sigla em inglês), lembra que “houve aplicação de AUMF no caso da guerra contra o Afeganistão, e uma resolução do Congresso no caso da guerra contra o Iraque. Continua sendo debatida a questão em relação a onde essas bases eram suficientes para se declarar guerra”. Azadeh diz concordar com Marjorie, em que “não existem justificativas para o ataque à Síria, e que Trump excedeu a autoridade”.

Quanto às leis internacionais, o presidente Trump passou por cima da Carta das Nações Unidas, tratado ratificado pelos próprios Estados Unidos que requer duas justificativas para uso da força militar contra um Estado soberano, sem o prévio consentimento deste, ou seja, uma declaração de guerra: que o país atacante, alegando autodefesa, tenha sido atacado antes em seu território, ou que tenha sido autorizado pelo Conselho de Segurança da ONU. Como no caso das leis norte-americanas, nenhum destes elementos estiveram em vigor nos ataques perpetrados pelas forças norte-americanas à base aérea síria do último dia 7, já que a ONU não autorizou o ataque e o impedimento do suposto uso de armas químicas, alegação da administração de Trump, não configura auto-defesa.

As questões legais são apenas uma introdução ao diálogo de surdos imposto pelos poucos tomadores de decisão de Washington, quando o assunto é “Guerra ao Terror”. Conforme abordado em *Global Research* na reportagem [Relações Rússia-EUA: Escalada das Tensões sob Risco de Guerra Nuclear](#), é fato comprovado que o Estado Islâmico (EI, ou Daesh ou ainda ISIS) e a Al-Nusra, filiada à Al-Qaeda no Iraque, têm atacado com armas químicas fornecidas por Washington.

Quem tem confirmado essa informação, entre diversos meios de comunicação como o New York Times, são inspetores da ONU e o próprio Departamento de Estado dos Estados Unidos, quem reconhece que não existem “rebeldes moderados” na Síria. No que diz respeito ao governo sírio, jamais foi provada nenhuma acusação de Washington e seus aliados ao longo dos anos, nem neste caso específico da semana passada que Bashar al-Assad utilizou-se de armas químicas. “Não ataco com armas químicas sequer os terroristas, muito menos faria isso contra civis”, tem afirmado o presidente sírio.

O EI, assim como a Al-Qaeda e suas franquias, nada mais é que um dos tantos subproduto das invasões dos Estados Unidos no Oriente Médio, inconstitucionais e contrárias às leis internacionais: passou a existir no Iraque pós-invasão norte-americana em 2003, por jovens radicalizados pela invasão ocidental que acabaram se espalhando pela região.

Contudo, um breve histórico da ocupação norte-americana no Oriente Médio (ocultada por Washington e por seus porta-vozes da grande mídia internacional) traz a compreensão de que a denominada Guerra ao Terror foi arquitetada bem antes dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 (cuja versão oficial é insustentável), para ser infinita e servir como pretexto para a permanência das bases militares norte-americanas na região mais rica em petróleo do mundo. E como consequência, por que este diálogo supostamente em prol do combate ao terrorismo internacional, do jeito que está imposto pelas grandes potências e pela mídia, não leva a lugar nenhum enquanto apoiado na desinformação, na total inversão de papéis.

A versão oficial diz que a União Soviética invadiu primeiro o Afeganistão em 1980, e que posteriormente os Estados Unidos saíram em defesa do país centro-asiático. Porém, ao contrário do que dizem até hoje os livros de História e a narrativa da própria mídia predominante, a invasão da CIA ao Afeganistão precedeu à soviética. Nas palavras de Zbigniew Brzezinski, conselheiro de Segurança Nacional do então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter (1977-81), a intenção da Casa Branca era “dar à União Soviética o seu Vietnã, e atolá-la no Afeganistão” (vídeo de Brzezinski incentivando afegãos a combater inimigos em nome de Alá, em 1979).

“De acordo com a versão oficial, o apoio da CIA aos mujahideen (combatentes) começou em 1980, ou seja, depois da invasão do Afeganistão pelo exército soviético em 24 de dezembro

de 1979. Mas a realidade, mantida em segredo até hoje, é completamente diferente: foi em 1979 quando o presidente Carter assinou a primeira diretiva para o apoio secreto da oposição contra o regime pró-soviético, em Cabul. E no mesmo dia eu escrevi uma nota, na qual expliquei ao presidente que esse apoio levaria, na minha opinião, a uma intervenção militar dos soviéticos”, [afirmou](#) Brzezinski em 1997 ao jornal francês Le Nouvel Observateur (entrevista reproduzida dias depois pela rede de notícias norte-americana CNN, para nunca mais se tocar no assunto).

A partir daquele momento, a USAID, conhecida ONG de fachada da CIA, passou a estabelecer as madrassas (escolas de guerra religiosa, ou a nova jihad, versão norte-americana) em solo afegão e paquistanês com livros didáticos made in Nebraska, ensinando a jihad violenta aos meninos, jovens e adultos locais.

Procurada para comentar também sobre as madrassas, Friha confirma as informações oficiais dos Estados Unidos, ao afirmar que “muitas dessas escolas e universidades operam abertamente e propagam o extremismo religioso ainda hoje, e recebem grandes fundos dos políticos. Tudo isso é aceito pelo establishment paquistanês”. O ISI (Inter-Services Intelligence), inteligência paquistanesa, opera em estreita parceria com a CIA desde a década de 1970. “O complexo de inteligência militar do Paquistão controla o nascimento e a nutrição dessas escolas islâmicas para promover seus planos odiosos, tanto no Paquistão como no Afeganistão. O Paquistão tem promovido seus interesses no Afeganistão por décadas, através de fundamentalistas treinados e educados em suas madrassas; os talibans são, puramente, subprodutos dessas madrassas”, acrescenta Friha.

O próprio sítio Council on Foreign Relations, famoso think tank dos “falcões (hawks) norte-americanos tais como o senador republicano John McCain (político norte-americano que mais recebe verbas do lobby armamentista), [publicou](#) em 2009:

“O relatório da Comissão do 11 de Setembro, divulgado em 2004, afirmou que algumas das escolas religiosas do Paquistão, ou madrassas, serviram como “incubadoras de extremismo violento. (...) Novas madrassas brotaram, financiadas e apoiadas pela Arábia Saudita e pela Agência Central de Inteligência (CIA) dos EUA, onde os estudantes foram encorajados a se juntar à resistência afegã. O Taliban foi formado no início da década de 1990 por uma facção afegã de mujahideen, combatentes islâmicos que tinham resistido à ocupação soviética do Afeganistão (1979-1988) com o apoio secreto da Agência Central de Inteligência dos EUA e sua contraparte paquistanesa, a Inteligência Inter-Serviços (ISI). Eles foram acompanhados por tribos pashto mais jovens que estudaram em madrassas paquistanesas, ou seminários; Taliban, no idioma pashto, significa ‘estudante’.”

O [documento](#) intitulado USAID REPORT 1994 – Missão no Paquistão e Afeganistão, Projeto de Apoio à Educação, de 1994, afirma que, através de mais esta “ajuda humanitária” dos norte-americanos, criou-se os materiais didáticos que ensinam uma guerra religiosa que, hoje, Washington tanto condena. Como parte do “apoio à educação”, na realidade à resistência afegã à invasão soviética inculcando o fundamentalismo religioso, a USAID gastou 50 milhões de dólares em um projeto de “alfabetização jihad (guerra religiosa)” entre 1986 e 1992.

Em 2002, o jornal norte-americano The Washington Post [informou](#): “Até mesmo os talibans usaram os livros produzidos nos Estados Unidos”. Mais tarde, em julho de 2014, o mesmo Post [lembrou](#): “Impresso em pashto e em dari, as duas principais línguas do Afeganistão, livros como O Alfabeto para a Alfabetização Jihad foram produzidos sob os auspícios da

Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), pela Universidade de Nebraska, e contrabandeados para o Afeganistão através de redes construídas pela CIA e a agência de inteligência militar do Paquistão, o ISI. (...) De acordo com pelo menos um estudioso norte-americano, esses antigos textos anti-soviéticos ainda estão em circulação. (...) A versão em pashto inclui ilustrações para crianças, tais como 'T' para 'topak', ou arma em pashto. Como você usa a palavra? 'Meu tio tem uma arma', diz a ilustração. 'Ele faz jihad com a arma'.

Outras lições ensinam que Cabul pode ser governada apenas por muçulmanos, e que todos os russos e invasores são descrentes. 'Nossa religião é o Islã. Muhammad é nosso líder. Todos os russos e infiéis são nossos inimigos', relatou a Al-Jazeera em dezembro de 2014 sobre os livros didáticos jihadistas patrocinados pelos EUA. "Cabul é a capital do nosso querido país", diz a ilustração da letra 'K'. 'Ninguém pode invadir nosso país. Só os afegãos muçulmanos podem governar este país'".

De acordo com Dana Burde, autora e professora de Educação Internacional na Universidade de Nova Iorque em [entrevista](#) a [WYSO.org](#) em dezembro de 2014, um livro didático nos EUA para ensinar a guerra religiosa a alunos de primeiro grau em pashto, inclui: "Letra 'M' (M maiúsculo e pequeno m): (Mujahid): 'Meu irmão é Mujahid [combatente]. afegão. Os muçulmanos são Mujahideen. Eu faço jihad com eles. Fazer jihad contra os infiéis é nosso dever'".

Ainda segundo Burde, o governo dos EUA pagou e aprovou materiais curriculares para crianças pequenas que enfatizavam a guerra religiosa. Os livros foram reimpressos e permaneceram em larga circulação até meados dos anos 2000, quando o governo afegão pós-invasão introduziu versões revisadas. Mas Dana Burde comprou o livro que contém a passagem acima em um mercado em Peshawar, Paquistão, em fevereiro de 2013.

Desta maneira, foi o Império mais terrorista da história quem financiou, armou e treinou os jihadistas (prática nova na região, onde judeus e islamitas viveram secularmente em paz, muito mais que em relação aos próprios cristãos), entre eles Osama bin Laden e Saddam Hussein a fim de defender os interesses econômicos e estratégicos dos Estados Unidos na região. Os combatentes afegãos, senhores da guerra chamados de mujahideen, foram recebidos na Casa Branca por ele, ele mesmo!, Ronald Reagan em 1985, quem então comparou os belicistas islamitas com os "pais fundadores dos Estados Unidos por seu comprometimento com a liberdade e com a paz" (imagem do sacrossanto encontro de Reagan com os senhores da guerra afegãos, em [Reagan Archives](#); vídeo, [aqui](#)).

O capítulo V do Project for the New American Century, denominado [Rebuilding America's Defenses: Strategy, Forces and Resources for a New Century](#) [Rebuilding America's Defenses](#) e elaborado no final dos anos de 1990 pelos que comporiam a equipe de governo de George W. Bush (filho), previa que apenas um novo Pearl Harbor seria capaz de servir como justificativa para se concluir a empreitada norte-americana no Iraque, de derrubar Saddam Hussein, e reafirmar o domínio militar dos Estados Unidos na região. Para isso, o 11 de Setembro serviu perfeitamente. Como parte da criminoso "Guerra ao Terror", vieram Afeganistão de novo, Iraque novamente, além de Líbia e Síria na lista imperialista de "intervenções humanitárias".

Apenas de 1991 para cá, as "intervenções humanitárias" dos Estados Unidos ao Iraque, Afeganistão, Líbia e Síria custaram dezenas de trilhões de dólares aos contribuintes norte-americanos e mais de cinco milhões de vítimas dos bombardeios, e também do embargo

econômico imposto ao Iraque na década de 1990 que, apenas este, levou mais de 200 mil mulheres, crianças e idosos à morte, por fome e doenças facilmente tratáveis.

O que ocorre e os meios de comunicação de imbecilização das massas não permitem que seja compreendido, é que não há “conflito” no Oriente Médio. Há, sim, rivalidades, títeres, líderes sanguinários e organizações terroristas artificialmente produzidas pelas grandes potências com o fim de se expandir bases militares, e dominar a região mais rica em petróleo do planeta. E de quebra, em nome de um inexistente choque de civilizações e de valores, eliminar a religião que representa maior ameaça ao sistema capitalista: o Islã (o Evangelho de Jesus, tal como é, deveria ser parte desta ameaça se as respectivas confrarias religiosas não estivessem dominadas pelos escusos interesses e pelas garantias dos privilégios do poder, além de fortemente influenciadas pelos porões do poder que avançam secretamente em direção ao domínio global).

Em 2007, o General Wesley Clark [afirmou](#) na rede norte-americana de notícias Democracy Now! que o plano de Washington, logo após a queda das Torres Gêmeas, era invadir sete países em cinco anos: Iraque, Síria, Somália, Líbia, Sudão, Irã e Iêmen. Nada mudou com Trump. E sempre esteve claro que não mudaria.

Fribo tem uma explicação bastante clara e simples para o diálogo de surdos entre matança indiscriminada: “Quem se senta na Casa Branca, seja quem for, serve à guerra em favor do 1% das classes dominantes em todo o mundo, a fim de manter a supremacia dos Estados Unidos”. Por isso, segundo a ativista afegã, as grandes potências ocidentais não têm o interesse de combater grupos terroristas do Oriente Médio, pelo contrário: “Criaram e deram as mãos a eles. Em nome da ‘Guerra ao Terror’, os Estados Unidos na verdade apoiam terroristas e usam o terrorismo como arma para derrotar seus rivais, tais como Rússia e China”.

III Guerra Mundial Iminente

Bem ao estilo baby Bush “estão ao nosso lado ou contra nós”, o mandatário norte-americano conclamou as “nações civilizadas” a se unir no ataque à Síria. Como nem poderia ser diferente, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu foi um dos primeiros a se pronunciar, entusiasmado, com a empreitada belicista de seu maior aliado: “O presidente Trump enviou hoje uma mensagem forte e clara de que o uso e a proliferação de armas químicas não será tolerada”, disse Netanyahu deixando passar despercebido que o Estado de Israel constantemente, portador de bombas nucleares, constante e indiscriminadamente, ataca civis palestinos com fósforo branco e outras armas químicas.

Em defesa do ataque de Trump têm saído também o primeiro-ministro japonês, Shinzo Abe, o presidente da França, François Hollande, a primeira-ministra britânica Theresa May, e os chefes de governo de Austrália e Turquia, Malcolm Turnbull e Recep Tayyip Erdoğan, respectivamente.

O presidente russo Vladimir Putin considerou o ataque “uma agressão contra um país soberano”, que atenta “contra as normas internacionais com uma desculpa fictícia”, declarou seu portavoiz Dmitri Peskov.

“Por causa do ataque à base aérea da Síria, a interação da Rússia com os Estados Unidos pode ser interrompida. Acreditamos que este é um ato de agressão, não podemos olhá-la de outra forma. 59 bombas foram despejadas no aeroporto de Shayrat. Tudo o que Donald

Trump disse sobre a Síria, perdeu o significado. O ato está feito, e eu não entendo mesmo qual a jogada ali. Mas vamos responder a isso”, disse Viktor Ozerov, presidente da Comissão de Defesa e Segurança do Conselho da Federação Russa, a Pravda.Ru nesta sexta-feira (7).

“A Rússia terá de mostrar alguma reação a isso, de alguma forma. O nível da escalada é extremamente elevada. Tendo lançado o ataque de mísseis sobre a Síria à noite, Trump mostrou que é um político irresponsável, que não tem experiência política nem cultura política. Isso pode levar a um agravamento muito sério das relações entre nossos dois países, às conseqüências mais imprevisíveis”. Opinião do especialista de Alexander Bedritsky, diretor do Tauride Information and Analytical Centre, a Pravda.Ru no mesmo dia.

O Irã também considerou que “estas medidas apenas fortalecem os terroristas na Síria e que, conseqüentemente, complica a situação no país na região” do Oriente Médio.

A Bolívia solicitou, junto da Rússia uma reunião urgente do Conselho de Segurança da ONU imediatamente após o lançamento dos 59 mísseis norte-americanos contra a base de Shayrat. Na sessão extraordinária desta sexta-feira, o representante permanente da Bolívia no Conselho de Segurança das Nações Unidas, Sacha Llorenti, afirmou que o ataque à Síria por parte dos Estados Unidos representa uma violação “escandalosa” da carta da organização, e “uma ameaça à paz e à segurança” internacional.

Representando uma guinada no “quintal” dos Estados Unidos, o governo boliviano tem sido seguido pelo da Venezuela – sem dúvida, seria seguido também pelos presidentes Fernando Lugo, Manuel Zelaya, Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, o que é altamente improvável que ocorra com os fantoches de Tio Sam: Horacio Cartes, Juan Orlando Hernández Alvarado, Michel Temer e Mauricio Macri. Tais posturas explicam perfeitamente os golpes à democracia travestidos de Primaveras sociais e limpeza ética por sistemas judiciários mal disfarçados, em uma região de suma importância às relações internacionais e cujos governos progressistas das últimas décadas têm (ou tinham) prezado pela soberania.

Al-Assad não atende aos interesses hegemônicos dos Estados Unidos, além de grande aliado de Rússia e Irã, o que explica o antigo desejo de neutralizá-lo enquanto fazem vistas grossas a, por exemplo, Arábia Saudita, regime entre os maiores violadores dos direitos humanos em todo o mundo – aliada histórica dos interesses de Washington na região. China Rússia e em si já são consideradas entraves para os almejos imperialistas de Tio Sam, de maneira que guerras a distância, ou proxy wars como se tem dito pelo mundo em inglês, são na concepção dos estrategistas de guerra norte-americanos uma maneira de desgastar China e Rússia, evitando o confronto direto com as temidas nações: no caso da segunda, possui as bombas mais sofisticadas do planeta e território geograficamente mais favorável no caso de uma invasão. Pois exatamente a Rússia tem, nos últimos anos, modificado as relações internacionais fazendo com que os EUA recuem em muitos casos, como no da própria Síria nos últimos anos, quando o regime de Obama esteve na iminência de intervir militarmente, e derrubar Assad. O Irã, desafeto regional dos EUA e de Israel, também é aliado sírio.

Trump não descarta o uso de armas nucleares, enquanto prossegue sua “Guerra contra o Terror”. Em entrevista á rede de notícias norte-americana MSNBC, ele se questionou: “Alguém nos atinge, de dentro do Estado Islâmico: você não iria revidar o ataque com uma arma nuclear?”. Não sem razão, na virada do ano o Bulletin of the Atomic Scientists (Boletim dos Cientistas Atômicos) dos EUA divulgou, em seu anual Doomsday Clock (Cronômetro do Dia do Juízo), o pior índice em 70 anos em relação aos riscos de ataques nucleares

exatamente pela ocasião da eleição de Donald Trump , situação ainda mais dramática que os mais sombrios dias da Guerra Fria.

Provocar uma guerra generalizada é do interesse dos poucos tomadores de decisão global, também pela situação econômica mundial e porque veem seu poder diminuindo gradativamente: as relações internacionais são cada vez mais multipolares. As sociedades globais se fortalecem na era da revolução da informação, através de uma Internet cada vez mais vigiada. Para cercear fortemente as liberdades civis, qual a mais apropriada justificativa para os poderosos que o conflito permanente, e o medo constante?

Quando, há um ano e dois meses este autor estreava em *Pravda Brasil* afirmando que não apenas o mundo caminhava a passos assustadoramente largos rumo a uma III Guerra Mundial, mas que esta era a estratégia dos porões do poder imperialista globais identificados como a casta sionista e suas marionetes de Washington, um mar de leitores apontando histericamente o suposto exagero e muitos até indignados com a “blasfêmia” do autor, não poupado de xingamentos e acusações, foi testemunhado na publicação [Israel Provoca Brasil com Vistas à III Guerra Mundial](#).

Logo que Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos prometendo cooperação internacional, especialmente com a Rússia, este autor repetia constantemente o engodo de Donald Trump em relação à cooperação internacional. Na realidade, estas observações se davam desde a circense campanha presidencial da melhor democracia que o dinheiro pode comprar (e cuja maior lobista é exatamente a AIPAC). Na reportagem intitulada [Relações EUA-Rússia: Escalada das Tensões sob Risco de Ataques Nucleares](#), lê-se:

Embora seja muito elogiado pelas promessas de campanha de se aproximar da Rússia e reverter este sombrio cenário global, o presidente norte-americano recentemente eleito, Donald Trump, traz em seu histórico, no contexto de seus discursos, na equipe de governo que tem montado e na própria realidade politicamente histórica de seu país, sérias dúvidas se realmente seguirá por esse caminho.

A Guerra Civil síria é muito mais perigosa que qualquer momento da Guerra Fria, incluindo a famosa Crise de Mísseis de Cuba de 1962. Hoje, o potencial de conflito nas relações russo-americanas é maior do que na segunda metade do século passado.

A mencionada reportagem foi finalizada desta maneira: “Nada indica que Trump, por inaptidão ou falta de vontade política, mudará este cenário de III Guerra Mundial sob sério risco de ataques nucleares”.

A agenda imperialista é uma só: dividir para conquistar, jogar cidadão contra cidadão, nação contra nação, aterrorizar, cercear liberdades civis, aplicar golpes e políticas de linha-dura, exterminar indivíduos e dizimar povos que estejam em seu caminho (como os palestinos, os iraquianos, os sírios, os índios mapuche no Chile, únicos povos originários a resistir à metrópole em toda a história, sem serem jamais vencidos) e, desta maneira, ampliar seu domínio global.

Diante disso tudo, está claro que o maior erro do Kremlin ultimamente, em sua exitosa empreitada contra os terroristas na Síria em conjunto com o governo local, foi ter depositado confiança na administração de Trump desde a campanha presidencial. O presidente russo Vladimir Putin deveria ter se lembrado que a sobrevivência do sistema norte-americano depende da indústria armamentista, que o terrorismo internacional é peça-

chave no tabuleiro imperialista a fim de fazer avançar sua agenda enquanto justificativa para suas política coercitivo-expansionista, e das sábias palavras de Che Guevara: “Não se pode confiar no Império, nem um tantinho assim”.

Talvez seja tarde demais para se tentar salvar a humanidade de mais uma catástrofe made in USA: o cenário de III Guerra Mundial já está há muito montado e um confronto direto entre as grandes potências parece, agora, irreversível; é tudo o que o agonizante *establishment* norte-americano-sionista precisa para tentar paralisar o avanço de um mundo multipolar, e salvar a combalida economia capitalista do norte econômico.

Edu Montesanti

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Edu Montesanti](#), Global Research, 2017

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Edu Montesanti](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca
www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca